

## NOTAS PARA A CONTRIBUIÇOM A UM DEBATE SOBRE MOVILIDADE DOS FACTORES DA PRODUÇOM AGRARIA: Séculos XIX e primeiro terzo do XX

JOSÉ ANTONIO LÓPEZ TABOADA  
Departamento de Historia e Institucións Económicas  
Universidade de Santiago de Compostela

Palabras clave: Movilidade dos factores, propiedade, terra, renda, patrimonio, mercado

Key words: Factor mobility, property, land, rent, patrimony, market

### Resumo

*Tráta-se de exponher a evolución de um patrimonio dumha familia de rendistas galegos ao longo do século XIX e primeiro terzo do XX.*

*Obsérva-se o crescimento continuo até as dúas últimas décadas do século XIX e o estancamento posterior.*

*Obséva-se tamén a estrutura deste patrimonio que tende a ser de propiedades dispersas, pero plena en leiras pequenas e tendente a obter as rendas mediante contratos verbais feitos para prazos curtos.*

*Expon-se tamén umha hipótese económica susceptible de enquadrar e interpretar os feitos de carácter económico que suceden arredor deste patrimonio.*

### Abstract

*The evolution of the patrimony of a Galician rentiers family rentiers is followed throughout the 19th century and the first third of the 20th. Steady growth until the final two decades of the 19th century was followed by stagnation. The structure of the patrimony was dominated by scattered properties, mainly small cropfields; rental contracts tended to be verbal and in the short term. An economic model capable of representing and interpreting the economic*

*processes affecting this patrimony is put forward.*

### NOTAS PARA A CONTRIBUIÇOM A UM DEBATE SOBRE MOVILIDADE DOS FACTORES DA PRODUÇOM AGRARIA: Séculos XIX e primeiro terzo do XX.

Difundíu-se a ideia de que a chegada do século XIX non supuxo en Galiza a liberación das trabas, obstáculos e impedimentos que estorbaban a libre circulación dos factores da produçom. Non obstante, oficialmente a única apropiación coerercitiva serfám os impostos, pero o mantemento de fórmulas contratuais derivadas do Antigo Régime sostería a continuidade das relacións sociais quase-personais com carácter de dependencia informal ainda que violenta, que bloquearían qualquer iniciativa criadora.

No caso que a continuación se expom parece inductável a necesidade de acudir a outros procedimentos explicativos mais bem derivados da existencia e funcionamento dum mercado de terras, capital e traballo, por mais imperfecto que seja este mercado, que a sua ausencia.

Na partilha amistosa e anticipada de todos os bens raíces e rendas que em 1858 disfrutava

Don Fernando..., escribano da antiga Jurisdição de Miraflores (hoje partidos judiciais de A Corunha e Betanzos) e a sua mulher Dna. Florentina..., figura a "memória inventario" de todos os bens que a parelha reparte entre os seus legítimos cinco filhos.

O conjunto total compõem-no 142 partidas que se valorizam por pais e filhos em 438.000 Rs., polo que corresponde a cada um dos cinco herdeiros 86.620 Rs. e un pequeno legato de 5.000 Rs. que debe repartir-se a partes iguais entre as dúas filhas solteiras.

Conhece-se o lote 4º que ten 38 partidas compostas de propiedades em terras, casas rurais e urbanas e rendas forais.

As partidas referidas a casas e fincas rurais som 30, que em quanto a orixe dos títulos de propriedade, distribuem-se assf:

Por herdanza do pais 3 leiras as que se lhe atribue un valor de 2.680 Rs.; por herdanza da nai duas leiras as que se lhe atribue un valor de 10.600 Rs.

Se se aceita o suposto de que os outros quatro lotes tivessem uns valores equivalentes polo conceito herdanza, resultaría que este matrimonio, Don Fernando... e Dna. Florentina ao constituir-se disfrutarfam de un patrimonio de 66.000 Rs. em bens raizes e o oficio de escribano na Jurisdição de Miraflores que correspondía ao marido. Este oficio fora disfrutado anteriormente por um tío seu. É de notar que os maridos das duas filhas casadas som: um médico e outro oficial do exército.

As partidas de bens do 4º lote em cuja documentación se presentan títulos de propiedade por compra sumam a quantidade de 52.550 Rs. correspondentes a 25 leiras, cujos valores oscilan entre 1.000 Rs. e 4.500 Rs., excepto a casa principal coas suas terras (incluída neste lote) a que se atribue un valor de 23.000 Rs.

Estas partidas referentes a compras estendem-se a os trinta anos anteriores ao momento de reparto, 1858. Este lote tem umha casa na Corunha valorada em 8.000 Rs. por estar refeita de pouco ao momento da partilha.

O patrimonio em rendas de carácter foral compõem-no sete partidas que suman 63 ferrados de trigo e 1 e 1/2 de centeio, e való-

ram-se em 12.630 Rs.

Excepto umha destas partidas forais que corresponde a metade de un foro completo (umha unidade de explotação) renovado polos testantes a principios do 1850, previa subida da renda foral, as demais partidas de menor quantía som por casas, ou leiras rústicas particularizadas e nunca unidades de explotação mais amplas. Estas rendas forais foron redimidas na segunda metade da década de 1920 e no periodo inmediato de post-guerra civil.

Este matrimonio heredara arredor dum 25% do seu patrimonio, e fora comprando ao longo do tempo o resto do 75%. De todo isto o 85% serfám bens raizes explotados por vía de arrendo a curto prazo e o resto rendas forais pagadas en graus, quase todos redimidos tam pronto como essa possibilidade se convirtiu em obligatoriedade de aceitação se o pedía o pagador.

A valoración das casas resulta moi variavel, pero nos tipos de terra há umha constancia de relacións:

O preço de valoración do ferrado de monte (os 444 m<sup>2</sup>) resulta ao preço de 133 Rs.; o ferrado de terra labradía a 200 Rs. e o ferrado de prado de rega a 300 Rs. Parece, pois, que se estabelecem os coeficientes em 1, 2, 3, como multiplicadores do valor por unidade em relación as expectativas de productividade ou renda por unidade de extensión.

A maior particularidade é que as peças de este cupo som peças soltas que nom constituem por si nenumha explotação, senon só pequenas peças cujo tamanho oscila entre um ferrado (444 m<sup>2</sup>) e os 10 ferrados (4.400 m<sup>2</sup>) situadas em diferentes aldeias e parroquias e incluso diferentes municipios. No monte as peças son sempre maiores, até o ponto de que há umha de 3 hectareas.

Coido que estamos craramente diante do que a terminología fiscal da primeira metade do XIX chama "*facendado forasteiro*" (que cobra rendas mui diversas em sitios diferentes do seu lugar de residencia).

A través de dous dos *livros cobradores de rendas e pensons* (do titular do 4º lote anterior

despois de casado):... *dos coniujes Don Juan Bonifacio... e Dna. Ignacia Marfa... dos anos 1862 e 1869* pode observar-se o modo de extracção de parte das rendas e algúns aspectos da súa variacón, pois nestes dous libros, que nom som exhaustivos das rendas do matrimonio,

repitem-se varias peças objeto de control e arquivo; por isso podem identificar-se, e seguir-lhe a súa evoluçom en canto unidades productoras de renda.

De estes libros cobradores de rendas, resulta o seguinte quadro de vendas:

RENDAS EN FERRADOS SEGUNDO O LIVRO COBRADOR					
Nº de unidades	Trigo	Centeio	Milho	Fabas	Dinheiro en Rs.
Lugares acaseirados	216	73	20	—	—
Peças soltas de labradío	323	2	—	—	5.178
Foros	567	3	—	2	906
Rendas en saco	42	—	—	—	—
Rendas de arrendo de casa na Corunha	—	—	—	—	10.785

Assi pois, pode obsevar-se:

1º. A metade aproximadamente destas rendas consiguen-se por contratos de largo prazo: foros ou pensons indefinidas como rendas en saco e outra metade consiguen-se por arrendos verbais de curto prazo, ordinariamente 6 anos, pero incluso há alguns de 3 e 4 anos.

2º. A renda derivada de lugares acaseirados (explotaçons completas) baixa de 20% do total; o 80 % restante conrresponde-se a peças pequenas, sempre por debaixo de 1/2 hectarea, tanto nos arrendos verbais como nas peças que pagan foros. Algum arrendatario chega a ter em arrendo verbal, curto ou foral até tres peças, pero nom mais.

Nas pensons forais asignadas a estas pequenas peças repfte-se sistematicamente a fórmula: Fulano de tal... vizinho de... como cabeçaleiro ou... (sinala-se a condiçom jurídica ou de parentesco em virtude de qual tem responsabilidade de pago) deve pagar em... (ou outro lugar que se lhe designe que nom exceda das dúas leguas de distancia) pola quantidade de... por pensom foral primeiro dominio de..., com preferencia no tanto % de venda do util e laudemio, livre de todo imposto, sobre os bens do foral de... ou sitios em... .

Nos arrendos verbais só figura o pagador,

o conceito polo que paga, a quantidade, a forma e o lugar onde deve pagar e quando.

A relaçom que se estabelece segundo o tipo de adicaçom: labradío ou prado junto com a extençom e a renda que pagam, permite saber a quantidade de renda extraida nos arrendos por unidade de superficie ou o que se lhe parece, permite saber o preço da terra. De isto resulta que o labradío paga 20 litros de trigo por cada 1.000 m<sup>2</sup> e o prado paga 37 litros. Esta carga rendistica incrementa-se na década dos sesenta e setenta, ainda que pola informaçom utilizada para este trabalho é atrevido dizer em quanto: pero efectivamente no periodo indicado houvo frequentes desaucios por impago de rendas atrasadas e pola abundante oportunidade de atopar clientes para o trabalho de terra ou mais esforçados ou em milhores condiçoms de equipamento (capital) e familia para realizar o aproveitamento de terra, arrendádoa de forma verbal e por curtos periodos de 4, 6 ou 8 anos.

Todo isto permite sacar a conclusom de que desde meados do século XIX já nom se realizam novos contratos forais; os que se renovan encarecem-se e a maiorfa dos forais pulverizam-se numha multitude de peças e cultivadores ou usuarios que voltam confuso para o cobrador saber quem deve pagar a renda

em última instancia, quanto e porqué. Fai-se cara a cobrança porque supom custes de informaçom de "apeos" que sempre resultan engorrosos e caros. Por isso o propietario tem vantagem no arrendo a curto prazo ja seja de lugares ou explotaçoms acaseiradas ja seja de leiras soltas e dispersas.

Da observaçom de evoluçom do patrimonio herdado por Don Juan Bonifacio... e a sua esposa Dna. Ignacia... desde meados do século XIX até o momento da sua morte em 1884 e 1890 respectivamente, resulta que ambos multiplicaram por dous a extençom das suas propiedades nos trinta anos de vida matrimonial, em bens raizes de prado, labradio e monte; o seu patrimonio em rendas fixas e em especie, fundamentalmente trigo multiplicaro-no amplamente por 4; as suas propiedades en casas de aldeia, arrodoadas de umha pequena extençom de terra, desde 5 até 15 áreas multiplicara-no por 2 e o mesmo as suas propiedades urbáns na cidades da Corunha, onde vivfám habitualmente, excepto no veram, ainda que estén domiciliados na casa-pazo de Oleiros.

O patrimonio de herdanza e bens gananciais legados por Dna. Modesta, filha única do matrimonio anterior e os seus fillos é practicamente o mesmo que o herdado dos seus pais; só há um ligeiro crescimento da propriedade de monte e a reduçom a metade do número de casas rústicas, se bem isto non supuxo reduçom da extençom adicada a cereais. Probavelmente seja significativo o aumento da propriedade a monte. A significaçom estarfa na crecente valoraçom devida ao aumento da demanda e valor da madeira de pino que desde os anos 1860 se exporta a Cardiff e desde os 1890 empeza a aserrar-se en Instalaçoms movidas por máquinas a vapor na Corunha .

O Cónsul espanhol en Cardiff na Memoria Comercial de maio de 1911 informa de ista questiom nos seguintes termos: "A importaçom de pinos de Galiza foi o ano pasado (1910) de umhas 60.000 TT, sumando em fletos e seguros um valor aproximado de 48.500 \$; em efeito, a tonelada vendeu-se em Cardiff a 16 chelins, sendo o seu custe em Galiza franco a bordo de 8 chelins, importando os fletos, cambios e seguros 5 chelins ficando por tanto um beneficio de 3 chelins. Por desgraça nom se presenta esta

importaçom cum aspecto moi favorável, pois ademais do novo imposto sobre a navegaçom e os gastos que importa o transporte de pinos desde o interior até os portos, gastos que como é sabido som cada día maiores, Rusia, França e Portugal explotam este ramo en grande escala.

De França e principalmente de Burdeos e Baiona vinherom a Cardiff o ano pasado 128.135 TT. de pinos em buques na sua maiorfa valeiros e de bandeira francesa, e em Portugal onde se empezou fai pouco tempo a explotaçom, córtan-se os pinos cerca do mar, o que fai quase nulos os gastos de transporte até o ponto de embarque".

O conjunto de terras, casas rústicas e urbanas e rendas que constituem este patrimonio está esparcido por 6 partidos judiciais: cinco no entorno da Corunha e un em Caldas de Reis, provincia de Pontevedra. A distribuiçom é como sigue:

No partido de Betanzos, ajuntamento de Abegondo, nas parroquias de Santa Eulalia de Abegondo, Santa María de Culhergon-do, San Esteban de Culheredo, San Miguel de Figueroa, San Pedro de Vizonho. No ajuntamento de Oza as parroquias de San Nicolás de Cines, Santa M<sup>a</sup> de Veigue. No partido de Carbalho, ajuntamento de Laracha: Santa M<sup>a</sup> Magdalena de Monte Maior. No partido de Corunha, ajuntamento de Culheredo: Santiago de Castelo, Santa M<sup>a</sup> de Rutis-Vilaboa. No ajuntamento de Cambre: Santiago de Sigrás. No ajuntamento de Oleiros: Santa M<sup>a</sup> de Dejo, San Martín de Dorneda, Santa Eulalia de Lians. Santa M<sup>a</sup> de Oleiros e San Pedro de Nós. No partido de Ordes, ajuntamento de Cerceda: San Martín de Cerceda e San Román de Encrobas. No partido de Pontedeume, ajuntamento de Ares: San Joam de Lubre. No ajuntamento de Castro (hoje Miño): San Joam de Calhobre e no mesmo Pontedeume.

O patrimonio de Don Francisco... marido de Dna. Modesta, legado aos seus fillos en 1922 nom se veu aumentado nos trinta anos da sua gestom e igual que a sua mulher, limitou-se a transmitir o que recibera por herdanza.

PATRIMONIO EM TERRAS					
	1858	1884	1890	1919	1922
LABRADÍO					
Hectárea	5	12	18	27	10
Área	94	44	70	18	—
Centiárea	8	66	8	89	—
Unidades	19	53	77	116	—
MONTE					
Hectárea	4	10	13	27	—
Área	72	3	98	85	—
Centiárea	86	44	60	74	—
Unidades	7	28	31	57	—
PRADO					
Hectárea	—	—	1	—	—
Área	11	—	59	47	52
Centiárea	7	—	84	98	93
Unidades	1	—	1	7	1

PATRIMONIO EM RENDAS					
	1858	1884	1890	1919	1922
TRIGO					
Hectilitros	1	74	22	90	30
Litros	4	72	93	97	49
Centilitros	1	32	3	49	60
Unidades	8	29	28	52	25
CENTEIO					
Hectilitros	—	—	22	—	12
Litros	24	—	8	—	92
Centilitros	—	—	7	—	2
Unidades	—	—	2	—	3
MILHO					
Hectilitros	—	—	—	—	1
Litros	—	—	—	—	20
Centilitros	—	—	—	—	—
Unidades	—	—	—	—	2

PATRIMONIO EM RENDAS (cont.)					
	1854	1884	1890	1919	1922
FABAS					
Hectilitros	—	—	—	—	1
Litros	—	8	32	—	20
Centilitros	—	—	—	—	—
Unidades	—	—	1	—	2
CEBADA					
Hectilitros	—	—	—	—	—
Litros	—	96	42	—	—
Centilitros	—	—	—	—	—
Unidades	—	—	1	—	2

PATRIMONIO EM DINHEIRO POR CASAS RÚSTICAS					
	1858 Reais	1884 Pts.	1890 Pts.	1919 Pts.	1922 Pts.
CASAS RÚSTICAS	7.720	3.465	3.630	10.535	25.000
BENS INDUSTRIAIS	—	—	—	—	200
CASAS URBANAS	8.000	1.200	8.000	8.000	—
LIQUIDAÇÃO A FA- ÇENDA FICCAL	86.620 (1)	42.891 (2)	36.443 (3)	26.925 (4)	130.625 (5)

- (1) Herdanza legada polo matrimonio de Don Fernando... e Dna. Florentina... a favor do seu filho Joam Bonifacio...  
 (2) Herdanza legada polo matrimonio de Don Joam Bonifacio e a sua filha única Dna. Modesta.  
 (3) Herdanza legada por Dna. Ignacia casada con Don Joam Bonifacio a sua filha única Dna. Modesta.  
 (4) Herdanza de Dna. Modesta aos seus oito filhos.  
 (5) Herdanza de Don Francisco marido de Dna. Modesta aos seus oito filhos.

A herdanza nº 5 do ano 1922 tem umha estrutura diferente a nº 4 que é a da sua mulher, porque concentra a maior parte do seu patrimonio em rendas forais e em casas rústicas acompanhadas de pequenas extençoms de cultivo as beiras dos caminhos e carreteras. Tem ademais formas de rendas mais arcaicas como galinhas ou servizos de transporte com carro, valoradas em dinheiro em 1922.

Todos istos patrimonios de rendas fixas de carácter foral virom-se directamente afectadas pola lei de Primo de Rivera que estabelecfca a aceitaçom obligatoria de redençom das rendas

forais a petiçom dos pagadores pola lei de 25 de junho de 1926. Desde esta data as copias de documentaçom notarial abundan em notas "Renda redimida em... (notario e data...)".

Acompanhando a documentaçom patrimonial do tal Don Francisco encóntra-se o historial de un destes foros chamado foral de Aba na fegresía de San Julián de Serantes do municipio de Sada. Compom-se de umha explotaçom agraria dada em foro o ano 1782 e que chega como tal até o ano 1958.

O foral compom-se de umha casa e anexos: (forno, adega e cortes) terras cerradas sobre si

com valos de terra e silvas, terras en agras (campos abertos), prados; pezas de monte cerrado sobre si e montes abertos. Em total 7 hectáreas, 1 área e 15 centiáreas.

Neste foral as leiras cerradas sobre si totalizam 2 hectáreas, 95 áreas e 99 centiáreas. Tráta-se de trozos de especiais condicións para a súa adicación a coles, frutais, vinhedo, prado, labradío e monte, que son cultivados en solitario, ailhando-as do resto do espazo cultivado ou mellor aproveitadas para outros usos de menor importancia.

O ailhamento fai-se elevando valos de terra que se caba na liña divisoria do límite da propiedade e ao faze-lo fórma-se un fosso em terra que contribue a elevar o desnível para assi fortalecer a obstaculización ao libre paso de persoas e animais. Este ailhamento fortalece-se com unha sebe de silvas que periódicamente é preciso recortar.

Este procedimento supón a libre utilización do espazo agrario acotado que fica assi liberado da aplicación das regras de aproveitamento e uso comunal. É pois un recorte ao espazo aberto e aos usos comunais.

Estes troços de terras polas especiais condicións favoráveis permiten maiores coidados e dan uns rendimentos que poderían colifícase de óptimos em termos comparativos.

Em todo caso é de notar que no contrato de foro estabelecido em 1782 a parte de terras nas que já ficaram excluídas por esta vía a servidumes derivadas de usos e regras colectivas e já do 42% do total e reparte-se em fracções diferentes adicadas a todos os usos agrarios: horta, prado, labradío e monte.

As leiras em Agra som a parte mais significativa das terras adicadas a cultivos de cereais cujos nomes som tamem mui significativos e probablemente delatores do momento em que foron postos em funcionamento. A extensión total das de este tipo é de 1 hectárea, 53 áreas e 65 centiáreas, equivalentes ao 22% do total.

Em todo caso estas agras som espazos amplos nos que todos os vizinhos da aldeia tenhem unha ou dúas pequenas parcelas cujos límites com a do vizinho, sinála-se por un simple marco, todas as parcelas juntas formam un campo cerrado e acotado com valado de terra ou sebes ou aproveitamento de combros

para o acoutamento do conjunto.

A utilización destas agras está submetida as regras de usso colectivo que impom a assembleia de vizinhos da aldeia. Normalmente esta assembleia determina o momento de cerre e apertura de sebes e os momentos de sementar e de recolher. As rotacións dos cultivos regúlanse por regras consuetudinarias.

As dúas leiras adicadas a prado estan ubicadas numha unidade de extensión mais ampla que tenhem trozos de espazo adicados a outros usos como soutos, labradíos e monte.

Esta condición pode considerar-se suficiente para consideralos como espazos cerrados sobre si, o que efectivamente confirma a documentación. Isto implica um uso livre de servidumes colectivas e certo carácter recente na constituição de espazo adicado a prado; por conseguinte podem ser prados de corte continuo ou de erva seca; merece destacar-se que se trata de pezas relativamente grandes que em conjunto midem 1 hectárea, 1 área e 90 centiáreas, equivalente ao 14% do total.

Tamén e digno de notar que em 1892 o "Pumar das cobadas" de 21 áreas e 48 centiáreas aparece adicado a prado mentras que no momento da constituição do foro em 1782 adicábase a produción de cereais. Isto podería considerar-se prova da crecente importancia da gandeiría.

Surprende a escasa extensión de propiedade em monte aberto; existe unha leira soa de 17 áreas e 4 centiáreas equivalentes ao 2%, o que é a todas luzes insuficiente para suministrar tojo para cama dos animais e material de abono a os cultivos previa fermentación com as deieccións dos animais. Provavelmente só importa o aproveitamento gandeiro para pasto de vacuno e ovino.

A quantidade de monte cerrado é aprecia-belmente maior em extensión; 1 hectárea, 32 áreas e 57 centiáreas en dúas leiras, tenhem pois, usos específicos: adicación a pinos unha e a outra, ainda que non se especifica o seu usso, está num círculo cerrado ou chousa, adicada a prado, polo qual tamem o monte em questão era objeto de coidados especiais. Ambas as dúas tenhem adicación a productos directamente comercializaveis.

Este foro renovou-se no ano 1847 previa

subida da renda; en 1890 foi preciso sumete-lo a un apeo geral ou memorial em que se establecía diante do juiz a denominación de cada finca, a súa extensión, a qualidade e proporción de renda que lle correspondía pagar, quem debía pagar a renda e quem era o cabeçaleiro encargado da recaudación da renda das parcelas e da entrega do total ao cobrador e por conseguinte responsable en deradeira instancia do pago total. Este apeo foi necesario debido ao feito de que já som varios os levadores ou cultivadores das parcelas pertencentes ao foro.

No ano 1958 os herdeiros e descendentes do cabeçaleiro establecido no apeo geral de 1890 foron demandados por vía judicial diante do Tribunal Especial de Foro de A Coruña para reclamar o pago das rendas atrasadas devidas desde 1953. Pagarom em efectivo 25.000 pts. pola renda em especie devidas nesses cinco anos.

Coido que todos estes datos podem ser entendidos melhor baixo a hipótese seguinte:

Incluso no entorno da cidade da Coruña, a pequena nobreza fidalga rural e urbana-vilega, columna vertebral da sociedade galega do A.R., viveu apegada a terra da que obtinha a súa principal e mais segura fonte de ingresos a través de relacións de dereitos de apropiación bastante diversos e acomodativos. Umha boa parte de este grupo social, ocupou tamén cargos de relevo, já políticos, já administrativos, v.g. oficios relevantes no aparato estatal do A.R., já como oficiais do exército, já como membros do aparato judicial e municipal, etc.

A principal fórmula utilizada até fins do século XVIII para establecer e fixar os seus dereitos de apropiación de excedente económico de produción de terra foi o contrato de foro; pero coincidindo coa apertura de ciclo de guerras revolucionarias, a situación de inestabilidade geral e com o aumento da demanda de terras debido ao crecemento da poboación, converteu esta fórmula em desvantajosa tanto para a outa nobreza como para nobres locais e fidalgos.

A fórmula que usou esta clase social para manter a súa situación no cúmulo social dentro

do clima de inseguridade jurídica geral foi acudir entre outras as fórmulas de "arrendo a curto prazo" nos forais que era preciso renovar. Arrendo a caseiros por 6 ou 8 anos sempre que foi posible saltar as disposicións da chamada "Pragmática Sanción". Esta nova dirección era ademais umha rotunda afirmación da unicidade de titularidade de propiedade.

As classes fidalgas em Galiza e Asturias já conseguiram deslocar em Galiza o custo das guerras do ciclo revolucionario, que van desde 1793 a fins da década de 1830, momento da Paz de Vergara, sobre o campesinado, fora propietario ou cultivador a foro. Ademais contra o que geralmente se afirma, moitos dos señórfos jurisdiccionais laicos foron transformados em propiedade particular. Por esta manobra de política fiscal e económica a situación do campesinado, propietario ou foreiro empioraría e ficaría numha situación moi desvantajosa ao momento de establecer negociacións contratuais polo uso da terra.

A reacción do campesinado tanto propietario como foreiro foi endividar-se progressivamente polos préstamos ou para evitar o endividamento acudir a venda progresiva das súas propiedades.

Desde principios do século XIX o segmento da classe fidalga acomodada dos Don, prestou dinheiro e comprou continuamente pequenas parcelas e arrendou-nas a curto prazo, moitas veces ao mesmo vendedor.

Este proceso podería darse por rematado a meados do século XIX, até o punto de que a maioría absoluta do campesinado galego de toda a franja costeira de Galiza trabalha *terras arrendadas a curto prazo* mediante contratos puntuais de múltiples parcelas a múltiples arrendatários que cultivan terras a mais de un propietario. No interior de Galiza, as unidades de explotación som mais ou menos grandes; pero som os "caseiros" que cultivam em arrendos a curto prazo.

Desde principios do século XIX os foros que se renovaron foi a costa de subir os preços e outros nom se renovaron.

Por conseguinte, o periodo que vai entre os anos 1850 e 1880 foron anos dourados para esta classe rendista em Galiza que aumentou o seu grau de explotación e acumulación a niveis



nunca vistos. A escasez de terra e a pressom da poboación sobre ela, cobraron-se caras.

Estes outros rendimentos obtidos por un aforro investido na terra reduziu ao máximo a mobilidade do capital até inmoviliza-lo em pequenos troços de terra ou em partidas de rendas em especie. Desaparece a posibilidade de formaçom dum mercado financeiro que arrastou consigo a posibilidade dumha mais correcta asignaçom a outro tipo de produçom.

Produciu-se assi um progressivo encarecimento do custe da mesma produçom agraria polo simple feito de que o recurso terra absorvía monopolísticamente cada vez mais capital menos rendivel.

As oportunidades de emigración eran ainda custosas e menores em comparaçom com o que sucedera na década de 1880, 1890 e 1900 e até 1929. A caída do valor das rendas em especie devida a perda de valor do factor terra pola posta en cultivo de nova terras nos países novos e cos novos meios de transporte terrestre e marítimo para mover a baixo custe personas e productos agropecuarios, non só desactivou os investimentos na terra senom que desactivou as posibilidades de acumulaçom deste grupo social em Galiza e mesmo destruí-lhe parte do seu capital fixoo. A situaçom de acurrallamento a que se veu avocada a classe social dos rendistas agrarios durante toda a restauraçom (1874-1931) foi crecente.

Esta crecente perda de papel hegemónico tanto no aspecto económico como social correspónde-se com umha crecente toma de conciencia e recuperaçom da iniciativa económica do campesinado, que purgado pola crise finisecular, e a través dos procesos migratorios trasatlánticos e cara as cidades millorou a súa posicòm negociadora e reiniciou o processo de acceso a propiedade e de incorporaçom mais intensa ao mercado tanto em inputs como em outputs, por essa vía foi possível tamém iniciar a incorporaçom de milhoras tecnológicas em todos os campos: agro-forestal-pecuarios e incrementar assi os nívéis de productividade e a capacidade de consumo.

Namentras a antiga classe rendista ou liquidava as súas propiedades rurais e traladava o capital a outros sectores productivos ou se afogava lentamente e perdía totalmente a súa

hegemonía económica.

A desfeita final é a lei de Primo de Rivera do 25/6/26 pola que se lhe obriga a liquidar os patrimonios rendísticos de carácter foral a peticòm dos pagadores.

Esta lei podería considerarse como símbolo da formal apariçom no conjunto social do campesino parcelario em Galiza.

#### NOTAS

1. Esta casa herdára-a a esposa Florentina por seu pais Don Manuel. Fora vendida em 1775 polo fiscal da Audiencia da Corunha por expropiaçom aos Jesuitas aos que se lhe expropriaron e venderon tamem outros ranchos colaterais.
2. Isto explicaría a importancia da forza muscular varonil e a opiniom popular de que umha mulher soa é um ser desamparado e ficar viuda e sen filhos varóns é umha desgraça enorme porque efectivamente esta situaçom conduce ao borde da mendicidade.
3. V.g.: os armazens e fábrica de aserrar madeira de "Antonio Jaspe" em Avda. Fernández Latorre, nº 1. A Corunha. Esta casa fundou-se em 1877 adicando-se o seu propietario a exportaçom de pinos e postes para as minas de carbom de Cardiff (Reino Unido).

No ano 1885 estableceu umha fábrica de asserrar madeira na estaçom do ferrocarril de "Santiago do Burgo" com o fin de aproveitar as madeiras que por gordo de mais nom tinhan aplicaçom nas minas e eran em cambio mui apropósito para a fabricaçom de tablons e tabuas para a construçom urbana que se estava intensificando na cidade da Corunha e as tabuas tamem se utilizaban para a fabricaçom de caixóns.

A necesidade de abastecer a crecente demanda dos seus clientes obrigarom-lhe a rredificar e ampliar o estabelecemento em 1890.

Em 1894 instalou tamem umha fábrica de gelo Artificial para a conservaçom de peixe, marisco e carne.

Continuando a súa marcha expansiva adquireu na Corunha, Avda. Fernández Latorre, no ano 1900 uns 8.000 m<sup>2</sup> onde instalou a fábrica e os armazens. Para mover as máquinas dos diferentes talheres da fábrica, contava esta casa com umha máquina de vapor e dúas caldeiras que desenvolvian umha forza de 60 c.v. e umha dinamo capaz

de produzir 50 c.v. de energia eléctrica.

A fábrica de gelo artificial contaba com grandes depósitos onde se podían armazenar mais de 300 T.T. de gelo, podendo conservar-se ao mesmo tempo nas súas câmaras, carne, peixe e marisco de todo tipo.

A madeira para molduras e demais trabalhos de técnicas de ensamblagem serviase-lhe aos clientes por catálogo conforme a tipos estandarizados.

Nos anos 1890 o propietario de esta fábrica Don Antonio Jaspe Dans comprou montes dedicados a produçom de pinos (pinares) nas fegresías de os municipios de Oleiros, Sada e Cambre, ademais dos pinos que recibía por ferrocarril.

4. Os nomes de estas leiras son suficientemente significativos das ventajosas condiçoms do seu aproveitamento, ao menos en termos comparativos com o resto do espaço de uso agropecuario. Horta, paelo (diminutivo de Patium), pumar (terra adicada a produçom de frutas) ainda que por extençom poida considerar-se de bons frutos e boas colheitas. Prado "dos fornos" que supom un espaço abrigado; prado "de fonte" que supom a proximidade e uso de auga de umha fonte; prado de Cacheira, que supom umha situaçom em chá grande e mollada; "prado e tarreo da Fraga", que supom a proximidade a umha fraga (nesta caso tamem se lhe denomina por um fenómeno de antropología religiosa, lugar por onde acostuma a passar Santa Companhia, (comitiva de ánimas

em pena que se deixam ver polos vivos), terreo das "curtinhas novas" equivalente a terra anovada e próxima a aldeia (curtinha como derivado da curtis romana ou do medievo).

O inicio do cultivo destas terras remónta-se aos momentos de expançom, sejam medievais ou modernos, e o mesmo se pode dizer dos labradíos, prados, montes e chousas, cerrados sobre si com valos de terra e sebes de arbustos.

5. Plural de Ager-ris=os campos. Som as únicas leiras cujo régime de explotaçom está sumetido a usos e costumes establecidas pola assembleia adeana.
6. É razoável pensar que os nomes de resoancia suevica: Agrosinda, Agra do Aba, sejam dos tempos dos invasores germánicos; (suevicos) Agra de Suasaires (campos de mais abaixo daseiras) serían medievais e as agras "do espinho" e do "pereiro" e da "corbeira" indicativas de seu de como adequirirom o nome é razoável que sejam de colonizaçom mais moderna.
7. A destruçom destes servidumes e usos colectivos-desde meados do século XIX foi progresiva en razom de proximidade das cidades; pero sempre mui lenta. A total destruçom deriva da introduçom de apeiros e máquinas farramentas como os tractors nos anos 1960-1970 e a nova organizaçom de propiedade imposta polo "Serviço de Concentraçom Parcelaria".